

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro De Artes

Curso de Bacharelado em Composição Musical



Trabalho de Conclusão de Curso

Memorial de Composição

O Serialismo Livre nos Raps “Necropolítica” e “C19-21B”

CAIQUE CHAGAS BERGER

Pelotas, 2023.

CAIQUE CHAGAS BERBER

O Serialismo Livre nos Raps “Necropolítica” e “C19-21B”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Música do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Composição Musical.

Orientador: Prof. Dr James Corrêa

Pelotas, 2023.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B496s Berger, Caique Chagas

O serialismo livre nos raps "necropolítica" e "c19-21b" /
Caique Chagas Berger ; James Corrêa, orientador. —
Pelotas, 2023.

40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em
Música - Composição) — Centro de Artes, Universidade
Federal de Pelotas, 2023.

1. Rap. 2. Dodecafonismo. 3. Serialismo livre. 4.
Necropolítica. 5. Hip hop. I. Corrêa, James, orient. II. Título.

CDD : 781.63

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Caique Chagas Berger

O Serialismo Livre nos Raps “Necropolítica” e “C19-21B”

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharelado em Composição Musical, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca Examinadora:

.....

Prof. Jorge Rochedo Meletti

.....

Prof. Felipe Merker Castelani

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha mãe Nadia Jamaica.

Agradecimentos

Agradeço a todas, todos e todes que fizeram parte da minha caminhada musical e que colaboraram direta ou indiretamente para este trabalho. Aos que vieram e aos que virão. Tamo Junto!

Epígrafe

“O mundo é diferente da ponte pra cá”

Racionais Mc's

Resumo

CHAGAS, Caique. **O Serialismo Livre nos Raps “Necropolítica” e “C19-21B”**. 2023. 40 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Composição Musical), Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Este trabalho apresenta o processo composicional de dois Raps, “Necropolítica” e “C19-21B” que foram criados utilizando o Serialismo livre. Apresento as referências, meus modos e critérios para utilizar a série e uma explicação do texto musical por parte dos autores das letras. O objetivo é demonstrar os processos composicionais das músicas, refletir sobre o conteúdo do texto e propor uma sonoridade atonal para o Rap.

Palavras-chave: Rap; Serialismo Livre; Hip Hop;

Abstract

CHAGAS, Caique. **O Serialismo Livre nos Raps “Necropolítica” e “C19-21B”**. 2023. 40 pages. Monography (Bachelor’s Degree in Music Composition), Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

This work discusses the compositional process of two Rap, “Necropolítica” and “C19-21B” created using the pitch organization of free serialism. I present my musical references, how the series were used and an analysis of the lyrics. My objective is to demonstrate the compositional processes, the lyrics and propose an atonal sounding to Rap.

Keywords: Rap; Free Serialism; Hip Hop.

Sumário

Agradecimentos.....	4
Epígrafe.....	5
Resumo.....	6
Abstract.....	7
1 Introdução.....	9
2 Definição de Conceitos.....	14
3 Processos Compositivos.....	16
3.1 Motivações - Aproximação Entre Rap e Serialismo.....	16
3.2 O uso do Serialismo Livre.....	17
3.3 Necropolítica.....	17
3.4 C19-21B.....	28
4 Considerações Finais.....	36
5 Referências.....	38

1 Introdução

Influenciado pelo gosto musical da minha mãe, que em casa costumava ouvir O Rappa, Bob Marley, Cássia Eller, Cordel do Fogo Encantado e Nação Zumbi, comecei a me interessar por música desde criança. Conforme fui crescendo, mais precisamente por volta dos 9 anos, me interessei por Hip Hop, Black Charm e Rock. Lembro de ouvir a música Nego Drama¹ dos Racionais MC 's vindo de um carro no meu antigo bairro, música esta que me encantou, pois, contava uma história que se parecia muito com a minha. A frase que mais me impactou em toda a música foi: “Daria um filme, uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço, veja, olha outra vez o rosto na multidão, a multidão é um monstro sem rosto e coração”. Na mesma época, conversando com uma vizinha, fui apresentado ao grupo Facção Central. Essa mesma vizinha me emprestou o disco “O Espetáculo do Circo dos Horrores”² e, assim que o levei pra casa e ouvi, fiquei vidrado naquelas palavras fortes e impactantes. Minha mãe chegou em casa bem no momento em que estava escutando o disco, mas o que ela ouviu não agradou tanto, isso fez com que ela me proibisse de escutar “aquele tipo de música”. Desde esse acontecimento passei a ouvir o disco e outras músicas do mesmo grupo escondido da minha mãe.

Tenho uma outra lembrança dessa mesma época, meu vizinho do apartamento da frente escutando com frequência o Acústico MTV do Marcelo D2³. Aquela mistura de Rap com Samba me fazia balançar e cantar junto, e logo aprendi a cantar boa parte do disco. Foi nesse momento da minha vida que conheci o Rap.

Aos 14 anos de idade, já na adolescência, comecei a tocar bateria e passei a fazer parte de duas bandas, os Caranguejos do Canavial, em que tocava alfaia e a Gorilla Trip, onde atuava como baterista. No Caranguejos o repertório era voltado

¹ https://www.youtube.com/watch?v=mrAT_xG-opk (Nego Drama - Racionais MC's)

² https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_kkVxnFl6sNU0WW50YmW17KTfai9dpt04
(Espetáculo do Circo dos Horrores - Facção Central)

³ <https://www.youtube.com/watch?v=JRNAyOg8qOk&list=PL1i9FFBWDp9FU3tsPVakNjXmU6hUpXRny>
(Marcelo D2 - Acústico MTV)

para o mangue beat, e tocávamos principalmente músicas da Nação Zumbi. Na Gorilla o repertório era um pouco mais amplo, e girava em torno de Planet Hemp, Charlie Brown Jr, Pavilhão 9, além de músicas autorais onde misturávamos Rock com Rap.

Conforme crescia, fui percebendo que gostava de músicas que falavam de temas do cotidiano, do contexto em que vivia, que contassem uma história e tratassem de temas sociais, ou, em outras palavras, que “passassem uma visão”. Comecei a observar o que essas músicas mais tinham em comum, e o que me chamava a atenção, era justamente a temática social e política, que além das críticas que considerava pertinentes, traziam o discurso de que não importa o quão difícil seja a situação, sempre podemos dar um jeito. Internalizei isso na minha forma de fazer e escrever músicas, para mim, a música precisa passar uma mensagem, tem que comunicar com as pessoas que estão à nossa volta.

Mais alguns anos se passaram e aos 19 anos fui fazer faculdade. Entrei no bacharelado em Composição através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Meu destino foi a cidade de Pelotas, escolha que não foi feita por acaso. A Universidade Federal de Pelotas (UFPel) era a única (até então) que não precisava do teste de habilitação específico (THE) para entrar. Havia feito duas provas do THE na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em que não fui bem sucedido. Na primeira tentativa acertei apenas uma de quinze questões, na segunda fiz 3 acertos. Fazendo as provas confirmei o que já suspeitava, percebi que o motivo da pontuação baixa é que eu não tinha uma base teórica para responder àquelas questões, logo, seria difícil entrar em um curso de música que precisasse do THE para ingressar, e não queria desistir de fazer faculdade por conta dessa lacuna na minha educação musical.

Já na UFPel, nas primeiras aulas de introdução a composição, o professor Carlos Walter Soares propôs um exercício composicional onde nos mostrou alguns recursos para executar a tarefa, eram eles inversão, transposição e retrogradação. Conhecendo esses recursos, pude trabalhar ideias musicais e assim trazer mais riqueza, interesse, pluralidade e deixar o exercício mais interessante, porém, o mais importante e enriquecedor pra mim durante o exercício, foi que essas técnicas me ajudaram a compreender melhor outras maneiras de compor. Mais tarde descobri

que essas “ferramentas” fazem parte de um método de composição chamado Serialismo. Este método possui uma peculiaridade sonora que me intrigou. Seus intervalos, na maioria das vezes dissonantes, sem previsibilidade cadencial e acordes com outras “cores” me chamaram a atenção.

Quando avancei um pouco mais no curso, ainda durante as aulas de introdução a composição, tive contato com o disco Clara Crocodilo⁴ do compositor Arrigo Barnabé. Ao ouvir a sonoridade da música serial combinada com o canto e instrumentos como baixo elétrico, guitarra e bateria, me pareceu genial. Tive uma epifania ao escutar o disco, foi uma explosão na cabeça e me fez pensar em muitas possibilidades nos processos composicionais. A ideia de misturar técnicas seriais com música popular brasileira me pareceu um caminho a ser explorado. Naquele mesmo dia cheguei em casa e ouvi o disco todo duas vezes seguidas, na busca de entender o conceito da obra e como ele tinha utilizado o Serialismo de forma que soava tão bem aos meus ouvidos. Depois dessa aula comecei a procurar mais compositores brasileiros que trabalhassem com Serialismo e ritmos nacionais, essa pesquisa me levou ao grupo Música Viva. Cheguei a nomes como Eunice Katunda, Guerra Peixe, Camargo Guarnieri e Cláudio Santoro. Achei incrível o trabalho que eles fizeram utilizando as técnicas seriais, mas nenhum deles me impactou como o Clara Crocodilo. O conceito, a capa, os instrumentos e como tudo aquilo soava junto, abriu meus horizontes como compositor.

Comecei a pensar em como aproximar essas ideias, como misturar universos tão distintos? Como colocar os Racionais para trocar uma ideia com Arrigo? A partir desse momento, busquei alguns caminhos para fazer essa mistura de Serialismo com o RAP e, com isso, unir a bagagem musical que já tinha, com os novos conhecimentos que adquirira.

Acredito que ter tido contato com essas técnicas logo no início do curso, por gostar de dissonâncias e a maneira de pensar, organizar e estruturar a música, foram alguns dos fatores que fizeram com que eu me aproximasse do Serialismo e do sistema do Dodecafônico.

⁴  Arrigo Barnabé / 01. Acapulco Drive-In (Disco Clara Crocodilo - Arrigo Barnabé)

Realizei algumas pesquisas na tentativa de encontrar referências ou trabalhos que relacionassem o Serialismo ao Rap, ou vice-versa, mas não encontrei. O trabalho mais próximo que me deparei foi uma composição do Tim Rescala chamada “Dodecafunk⁵”, em que mistura Funk brasileiro com dodecafonismo. Nessa música ele conta um pouco da história de Hans-Joachim Koellreutter que foi o responsável por trazer o sistema dodecafônico ao Brasil.

Feita a pesquisa e sem encontrar referências próximas ao meu imaginário, comecei a fazer alguns testes onde produzi minhas primeiras composições juntando Serialismo e Rap. A primeira vez que tentei compor um *beat* de Rap utilizando o Serialismo foi em 2020 no início da pandemia, quando comecei a fazer estudos de mixagem, que resultou no EP intitulado “Bad Vibes Vol 1”⁶. A faixa “Intro”⁷, foi meu primeiro *beat* serial. Após esse experimento, criei outras músicas que foram feitas como atividade composicional nas aulas de composição 7, ministradas pelo professor James Corrêa, foi em uma dessas aulas foi onde criei o Beat Serial⁸.

Outro experimento que realizei resultou na composição “Maracatu Elétrico”, em que a proposta era misturar um ritmo brasileiro, no caso o Maracatu, com o *boom bap*⁹ utilizando uma série Dodecafônica. Dessa ideia surgiu o “Maracatu Elétrico”¹⁰.

Essas composições foram essenciais para que pudesse explorar e desenvolver meus próprios métodos, critérios de uso da série e aprimorar minha identidade sonora e composicional. Esses experimentos me ajudaram a criar caminhos e a entender como potencializar os mecanismos e os meus processos.

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=mcgAiNN1NO0> (Dodecafunk - Tim Rescala)

⁶ <https://soundcloud.com/user-871394886/sets/bad-vibes-ep-vol-1-estudo-de-mixagem> (EP Bad Vibes Vol 1 - Caique Chagas)

⁷ <https://soundcloud.com/user-871394886/1-intro?in=user-871394886/sets/bad-vibes-ep-vol-1-estudo-de-mixagem> (Intro - EP Bad Vibes Vol 1 - Caique Chagas)

⁸ <https://soundcloud.com/user-871394886/1-beat-serial> Beat Serial - EP Bad Vibes Vol 1 - Caique Chagas)

⁹ Boom Bap é um estilo de produção musical do Hip Hop. O termo Boom Bap é uma onomatopeia para os sons de bateria característico desse tipo de produção.

¹⁰ <https://soundcloud.com/user-871394886/maracatu-eletrico> (Maracatu Elétrico - Caique Chagas)

Conforme fui estudando e experienciando a sonoridade do atonalismo dodecafônico, percebi algo em comum entre Serialismo e Rap: o fato dos dois serem excluídos dentro dos seus contextos. No ambiente acadêmico, percebi má vontade de grande parte dos professores ao tratar dos tópicos Serialismo e Dodecafonismo. Quando o tema das aulas era esse, percebia que além de ser um pouco desvalorizado pelos professores, ambos métodos eram tratados como desimportantes, ou seja, eram negligenciados, tanto pelos docentes quanto pelos alunos. Acredito que por conta disso acabei tendo dificuldade em encontrar músicos para tocar minhas composições, pois não encontrei muitos músicos interessados em tocar músicas que utilizavam essas técnicas. A conclusão a que cheguei é que o serialismo corresponde a um tipo de música que não tem muito espaço no contexto acadêmico em que eu estava inserido.

Com o Rap, além da marginalização acontecer no âmbito acadêmico, ela também acontece na sociedade, uma vez que o este gênero musical é discriminado por ser marginalizado e associado ao crime organizado e a facções criminosas¹¹. Tenho a lembrança de uma abordagem policial que sofri, onde o agente foi extremamente agressivo e violento. Um dos meus amigos estava com a camiseta dos Racionais MCs, e o policial, entre insultos, socos e chutes, nos chamou de "bandidinhos sem futuro" e rasgou a camiseta desse meu amigo. Além do preconceito com o gênero musical Rap, existe a problemática do racismo estrutural que favorece para que essa marginalização de ritmos ou qualquer outro tipo de produção cultural que surja de sujeitos que vivem à margem da sociedade, dentro da realidade brasileira, são em sua maioria pertencentes à população negra.

11

<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/04/28/vereador-de-curitiba-e-criticado-apos-dizer-que-hip-hop-tem-ligacao-com-o-crime-e-e-racista.ghtml>

2 Definição de Conceitos

A fim de facilitar a leitura e deixá-la mais fluida vou listar alguns conceitos importantes para entender os assuntos aqui tratados.

Atonalismo: a música moderna do séc XX traz novas tendências, técnicas e sons. Entre essas novidades está o distanciamento da tonalidade diatônica (maior/menor). Esse distanciamento do sistema tonal é chamado de atonalidade ou atonalismo. Ele elimina a relação de hierarquia entre as notas fazendo com que as consonâncias e dissonâncias tenham a mesma importância (GRIFFITHS, 1987). Logo, atonalismo é a emancipação da dissonância em relação ao sistema tonal (SOUZA, 2011).

Dodecafonismo: é um sistema de composição musical descoberto por Arnold Schoenberg entre 1921 e 1923. Tinha o propósito de organizar a música atonal a partir de uma série que utiliza as 12 notas da escala cromática (MASSIN, 1997), além de propor algumas regras como por exemplo o princípio da não-repetição (SOUZA, 2011).

Serialismo: segundo o dicionário *Grove*, serialismo é um método de composição musical em que determinados elementos ou parâmetros musicais são regidos por uma permutação fixa, a série. É habitual que os elementos controlados pela série sejam as 12 notas da escala cromática, podendo também, a série ser aplicada em outros parâmetros da música, como por exemplo, dinâmica, articulações e figuras rítmicas.

Neste trabalho utilizo o serialismo de modo não convencional, em alguns momentos altero a sequência de notas modificando a série sem descaracterizá-la. Essa maneira não convencional de usar a série é chamada de serialismo não ortodoxo. Neste trabalho vou chamar de serialismo livre em função de como utilizei as séries no processo composicional, uma vez que a forma que utilizei diferencia um pouco da definição de serialismo ortodoxo.

Matriz serial e as formas da série: a série original é conhecida como S0. Dela, são geradas 48 variações, essas variações constituem a matriz serial. As principais formas da série são: a retrogradação (R0), sendo a original de trás para frente, inversão (I0), como um movimento espelhado e transposição (S3), modifica as alturas da série original mantendo a relação intervalar. O exemplo foi uma transposição de terça menor). Abaixo segue a matriz serial utilizada nas composições deste trabalho.

	IO												
SO	C#	G	B	A#	F#	D	C	A	D#	E	G#	F	RO
	G	C#	F	E	C	G#	F#	D#	A	A#	D	B	
	D#	A	C#	C	G#	E	D	B	F	F#	A#	G	
	E	A#	D	C#	A	F	D#	C	F#	G	B	G#	
	G#	D	F#	F	C#	A	G	E	A#	B	D#	C	
	C	F#	A#	A	F	C#	B	G#	D	D#	G	E	
	D	G#	C	B	G	D#	C#	A#	E	F	A	F#	
	F	B	D#	D	A#	F#	E	C#	G	G#	C	A	
	B	F	A	G#	E	C	A#	G	C#	D	F#	D#	
	A#	E	G#	G	D#	B	A	F#	C	C#	F	D	
	F#	C	E	D#	B	G	F	D	G#	A	C#	A#	
	A	D#	G	F#	D	A#	G#	F	B	C	E	C#	
	RIO												

Figura 1 - Matriz Serial da música Diversões Eletrônicas - Arrigo Barnabé

Hip Hop: é um movimento que surgiu na década de 1970 no bairro do Bronx na cidade de Nova York (FICARELLI 2005. p 1.), em um contexto urbano de crise industrial, desemprego e aumento da violência. Um dos principais nomes desse movimento é Afrika Bambaataa, que organizava festas de rua com o intuito de converter a violência e as guerras entre gangues em “duelos que envolviam expressões artísticas divididas em quatro elementos: Mc (que faz as rimas), o Dj (que toca o som), o Break (a dança) e o Grafite (artes plásticas)”. (Daniel Bidia. p 4) A fusão entre o MC e o DJ originou o Rap (Rythm and Poetry), em português Ritmo e Poesia (SOUZA e NISTA-PICCOLO, 2006).

Rap: pode-se dizer que o Rap é proveniente da África Ocidental, local onde a principal forma de transmissão de conhecimento é feita de forma oral. É através das palavras que eles guardam e transmitem suas histórias.

Já nas Américas, com o fim do período da escravatura e a reorganização da comunidade negra, a prática do canto falado era comum na música jamaicana dos anos 1950. Era uma música instrumental onde os “Sound Systems” (antecessores dos DJs) tocavam as bases em dois toca discos acoplados, enquanto o “Toaster” (antecessor do MC) fazia discursos e reivindicações sociais.

Ainda durante a década de 1950 muitos imigrantes jamaicanos começaram a se mudar para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida. Lá eles tiveram contato com a música negra como Soul, Blues, Jazz, Funk e Disco. As produções que resultaram do contato da cultura jamaicana com outras manifestações artísticas afro-americanas passaram a ser chamadas de Rap. Sendo assim, o Rap pode ser considerado uma forma de poesia oral, geralmente traz um discurso crítico, onde se apresenta uma realidade econômica, social, cultural e política de uma população comumente urbana, marginalizada e/ou periférica.

3 Processos Composicionais

3.1 Motivações - Aproximação Entre Rap e Serialismo

Quando pensei em juntar o Rap e o Serialismo tive a ideia de pegar as minhas principais influências de cada gênero, os Racionais MC 's do Rap e o Arrigo Barnabé do Serialismo. Para cada uma dessas referências peguei um elemento diferente para tirar de base. Nas músicas dos Racionais me inspirei nos timbres de sintetizadores (da música Mente do Vilão), o ritmo boombap (em Um Preto Zica) e a linha do contra baixo elétrico (da música Mil Faces de um Homem Leal). Com Arrigo utilizei a série dodecafônica que foi aplicada na canção Diversões Eletrônicas. Consegui acesso à série na dissertação de mestrado “Processos seriais nas canções de Arrigo Barnabé: as 8 canções do LP Clara Crocodilo” do professor André Cavazotti.

A ideia de aproximar o Rap e o Serialismo teve três motivações principais. A primeira foi por ter começado meus estudos em composição a partir de alguns recursos que são comumente utilizados no Serialismo, sendo eles: A retrogradação, a transposição, a inversão e a retrogradação da inversão. Por conta desse contato e descobertas nos meus primeiros passos como estudante de composição, acabei ficando apegado a esses métodos.

O segundo ponto foi porque queria mostrar o tipo de conhecimento que aprendia na faculdade para os meus amigos que tocaram comigo e estavam fora do contexto acadêmico. Tentei explicar e mostrar alguns compositores que estudei nas aulas de introdução à composição para eles, mas percebi que tiveram uma certa dificuldade de entender. Essa situação me fez perceber que o Serialismo dodecafônico é praticamente desconhecido pelas pessoas fora do contexto acadêmico. Então, para tentar fazer uma aproximação dessa sonoridade que era estranha para os ouvidos deles, pensei em compor algo que eles já conhecessem e fosse parte do nosso repertório em comum, no caso o Rap, mas utilizando as técnicas do Serialismo e imprimindo aquela sonoridade excêntrica.

O terceiro ponto motivador foi quando conheci as músicas do disco “Clara Crocodilo”. Fiquei encantado com aquela sonoridade e instrumentação. Após “fritar” muito ouvindo o disco, pensei - “acho que dá para ir mais longe com isso”. Então tentei continuar e levar adiante a ideia de usar técnicas de composição da música de concerto no contexto da música popular. Escolhi o Rap porque era mais ouvida entre meus amigos e também porque achei que essa sonoridade incomum poderia ser introduzida de um jeito interessante na estética do Rap. Vi nesse lugar inexplorado uma oportunidade para investigar, percorrer e construir meu caminho como compositor acadêmico periférico.

3.2 O uso do Serialismo Livre

Para explicar como faço o uso do Serialismo livre no Rap, vou usar duas músicas que compus para o meu recital de conclusão de curso, sendo elas Necropolítica e C19-21B, respectivamente.

Para compor os primeiros fragmentos da música penso em como quero estruturar o motivo rítmico, normalmente baseado em ritmos afro-brasileiros. Em seguida, faço a melodia, sempre atento aos intervalos e pensando no direcionamento melódico, compensando saltos e atento para onde a melodia está caminhando. O contraponto é um recurso importante no meu processo composicional que recorro sempre ao utilizar as séries e compor melodias.

Feita a série e os primeiros motivos, divido-a em 4 conjuntos de 3 notas, usando-os como acordes. Nesta parte do processo composicional onde começo a me distanciar do uso tradicional do Serialismo, pois tomo a liberdade, quando acho necessário, de alterar a ordem de algumas notas, seja na melodia ou nos conjuntos. Acredito que com essas pequenas alterações consigo manter a estrutura da série sem descaracterizá-la.

3.3 Necropolítica.

Segundo o professor Silvio Almeida, necropolítica é um conceito definido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe que, de maneira simplificada, corresponde a forma de gestão da vida a partir da produção sistemática da morte, ou seja, a sistematização da morte como base da gestão política¹².

O título “Necropolítica” veio depois da música já estar praticamente pronta. Estávamos no período da pandemia da covid-19 no ano de 2021, em um contexto que o desgoverno brasileiro colaborou para a crise da saúde e o agravamento da situação da pandemia no país. Ainda não se tinha a vacina, os estoques de oxigênio em Manaus tinham se esgotado¹³, mais de 2.000 mortes foram registradas por dia, já haviam mais de 400 mil mortos pela doença no país e as notícias que surgiam denunciavam a negligência do governo que resultou no colapso da saúde pública, justificada muitas vezes pela falta de verba, enquanto 15,6 milhões de reais foram

¹² <https://www.youtube.com/watch?v=TbdYA0x-o54>

13

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/am-estoque-de-oxigenio-acaba-e-pacientes-morrem-as-fixiados.160f70b8b6c15a244a7a962fb7d2a45b2gmvkyoy.html>

gastos pelo palácio do planalto com leite condensado no mesmo período¹⁴. Os acontecimentos e o contexto desse período me serviram de inspiração para escrever os versos de ambos os Raps, que foi a forma que achei de protestar contra essa política de morte praticada pelo estado.

A sonoridade dissonante do atonalismo expressa o que considero uma sensação de desconforto, sentimento o qual gostaria de trazer em minhas músicas, pois remete ao desconforto que senti diante das medidas tomadas pelo governo brasileiro em relação à pandemia da Covid-19.

Vale destacar, um ponto importante na obra de Schoenberg que me influenciou nessas composições, foi a ideia de representar a angústia e o macabro, visto o contexto no qual as músicas foram produzidas, período em que esses sentimentos vieram à tona de maneira coletiva e que acabaram refletidos nas duas composições. Sobre essa relação do atonalismo com o macabro, diz Massin:

É frequente ouvir-se falar, para caracterizar esse período “atonal livre” ligado a Schoenberg, Berg e Webern, de emancipação da dissonância. Isso quer dizer que qualquer acorde pode doravante suceder a qualquer outro, e sobretudo, que uma dissonância já não tem que necessariamente se resolver numa consonância (acorde perfeito). Essa recusa de resolução foi o que, mais do que qualquer outra coisa, permitiu ao estilo Schoenberg dos anos 1908 e dos seguintes representar a angústia, o macabro. (MASSIN,1997, p. 974)

Tendo em mente essa associação ao desconforto gerado pela música atonal, a partir das técnicas do Serialismo, compus um estilo de Rap conhecido como *boom bap*, com a base da batida inspirada na música “Um Preto Zica¹⁵” dos Racionais MCs.

Comecei a compor essa música pela bateria. Gosto de ter uma base rítmica estabelecida para dar direcionamento e suporte para as estruturas melódicas e harmônicas. Em seguida coloquei o baixo, que foi gravado pelo baixista William Sanches, tocando S0 e fazendo o acompanhamento rítmico da bateria. Essa linha de baixo foi inspirada ritmicamente, na música “Mil Faces de Um Homem Leal¹⁶”, também dos Racionais MCs. Segue a partitura da linha principal do baixo:

¹⁴

<https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2021/01/26/auxilio-emergencial-nao-tem-mais-sobra-leite-condensado-na-gestao-bolsonaro.htm>

¹⁵  Racionais MCs - Um Preto Zica (KondZilla)
(Um Preto Zica - Racionais MC's)

¹⁶  Racionais - Mil Faces de um Homem Leal (Marighella) - Clipe Oficial - HD
(Mil Faces de um Homem Leal - Racionais MC's)



Figura 2 - Linha principal do Baixo - Necropolítica

Na sequência, coloquei um piano entrando no compasso 9, com a função de sustentar a estrutura harmônica. Utilizei também a série original S0 e dividi a série em 4 conjuntos de 3 notas, sendo:

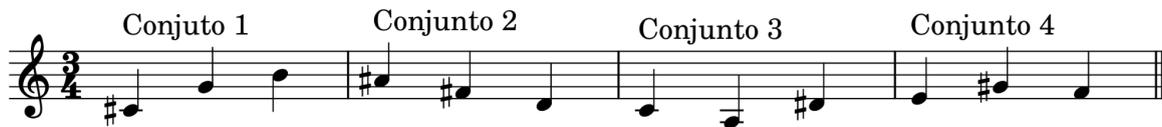


Figura 3 - Série original S0 - Necropolítica

Com os conjuntos formados, agrupei em acordes da seguinte maneira:



Figura 4 - Conjuntos de S0 - Necropolítica

Tomei a liberdade de ocultar algumas notas da série nos conjuntos 1, 3 e 4 para deixar a harmonia mais “limpa”. No conjunto 1 ocultei a nota Dó#, no terceiro a nota Ré# e no quarto conjunto a nota Sol#.

O próximo passo na construção da música foi colocar as cordas, que também entram no compasso 9. Então fiz o Violino, a Viola e o Violoncelo, utilizando S0, que ficaram dispostos dessa forma:



Figura 5 – Melodia das cordas em S0 – Necropolítica

Aqui podemos observar que cada instrumento toca uma nota do conjunto formando um “acorde”. A série está disposta no decorrer desses 4 compassos.

Contrariando a regra de não repetição de Schoenberg, repeti notas sistematicamente. Repare que o conjunto do primeiro compasso está disposto de baixo para cima sendo as notas Dó sustenido, Sol e Si, com uma pequena alteração na segunda colcheia do violino. Ainda no primeiro compasso, há outra quebra de regra do serialismo ortodoxo, onde o violino toca um Si na primeira colcheia, Dó sustenido na segunda colcheia e no segundo tempo ele volta a tocar a nota Si. Esse é mais um exemplo da maneira livre que uso o Serialismo.

O próximo passo foi colocar os sintetizadores. Nesse momento, a textura começa a ficar mais densa. Usei 2 sintetizadores nativos do *software FL Studio 12*, com timbres diferentes, sendo eles *Synth Sakura - ATM Mohican Sun FG* que tem um timbre que considero “fantasmagórico” e *Toxic Biohazard - Crack* que tem um timbre “alienígena”. Além dos sintetizadores coloquei um piano fazendo um ritmo de agogô tocando as duas primeiras notas da série principal, sendo elas Dó sustenido e Sol.

O *Synth Sakura - ATM Mohican Sun FG* faz a melodia em S0 entrando no compasso 17, como pode ser observado abaixo:



Figura 6 - Linha melódica do Sintetizador 1 - Necropolítica

O *Toxic Biohazard - Crack* também entra no compasso 17 fazendo a seguinte melodia:



Figura 7 - Linha melódica do Sintetizador 2 - *Necropolítica*

Já o piano fazendo ritmo do agogô que entra no compasso 17, ficou da seguinte forma:



Com o *beat* pronto, comecei a escrever a letra. Convidei meu amigo Amon Poeta, que é rapper, para escrever uma parte dela. Abaixo segue a letra da música, feita pelo Amon:

Bem descompassado pra confundir seu caneco

Paz de Malcolm

Atropelando racista de falcon

Vida de cinema trama é drama

Nego chora reza a hora a hora

Fé que não abandona de bandana

Bonito e bacana rebordose nos bicudo

Brecado, daqueles que o função "sórta" bicado

Pouco pra entender muito, foi pai Jhow que deu o papo

Lili pros aliado, trancado pelo estado

Sem opção de estudo tal futuro a Deus pertence

Como pensar no amanhã com a fome de ontem presente?

fala tu rei?!

entendedor do que não sofre

Meio milhão morrendo e os fato gringo é que comove

Leite condensado muito pouco surpreende

Perto de eleitor do bozo que votou e não se arrepende

Prende e mata

Deitando professor na pancada

Patife

Condado não precisa de xerife.

Amon Poeta

Pedi que o Amon falasse um pouco do texto, fazendo uma análise sobre o que escreveu. Abaixo segue a transcrição do áudio que me enviou com as explicações:

“Salve família, eu sou Amon Poeta e to aqui pra decifrar um pouquinho dos versos que eu deixei no projeto do amigo Caique(...). Primeiro de tudo é a batida né, a batida, o Caique me fez uma proposta bem diferente, com o beat sem o compasso certo, sem a métrica que a gente costuma usar no Rap, em 4/4. De início eu já achei muito interessante, desafiador(...). Então o primeiro verso ‘Bem descompassado pra confundir seu caneco’. Caneco é cabeça pra gente que vem de onde vem, quebrada, interior de São Paulo. Os versos seguintes: ‘Paz de Malcolm’. Paz de Malcolm é acredito que o oposto de Martin Luther King, ou um pouquinho contra. Querendo ou não, na paz a gente já tentou muita coisa e não deu muito certo, então vamos na paz de Malcolm que é mais revolucionária. Em ‘Atropelando racista de Falcon’ é pelas entregas, estou sempre de moto por conta do trabalho. E Falcon é uma moto grande, provavelmente faria um machucado considerável no racista.

‘Vida de cinema trama é drama’ é devido ao contexto. Eu hoje consigo dedicar um tempo legal à minha arte, porém, pra eu ter esses tempo, preciso trabalhar né(...). Vender a mão de obra. ‘Vida de cinema’ por morar na praia, longe de onde nasci, tô correndo atrás do sonho, um pouco mais próximo, graças a Deus. Porém a trama é drama. Não tem jeito, a gente não consegue fugir disso. ‘Nego chora reza a hora a hora’ é referência aos Raps antigos, Racionais, Expressão Ativa’. E ‘Fé que não abandona de bandana’ é a bandana de 2Pac, a fé em Deus e nos Orixás e em quem você acredite. Essa fé eu gosto de deixar em aberto porque cada um tem a sua e eu respeito todas elas.

‘Bonito e bacana rebordose dos bicudo’. Bonito e bacana é para gente. Os bicudos seriam os playboy. Brecado são aqueles que têm limitação para chegar, não tem muito acesso. ‘Aqueles que o função solta bicado é uma referência a quem vai comprar substâncias ilícitas na ‘farmácia’ do bairro e por ser quem é, recebe uma dose menor por isso(...). No verso seguinte completo: ‘Pouco pra entender muito, foi pai Jhow que deu o papo’. É uma frase do meu mano Jhow, gosto muito de usar essa frase. Lili pros aliado é liberdade pra quem tá trancado pelo Estado. Se Deus quiser, vai cantar pra todos. Depois de pagar o que deve, obviamente, pra quem deve.

'Sem opção de estudo tal futuro a Deus pertence', Esse verso eu escrevo geralmente pra quem diz que não estuda quem não quer, ou que 'não quer estar nessa vida, era só ter estudado'(...). A opção do estudo muitas vezes não existe na periferia por vários fatores. Inclusive o maior deles é colocar algo dentro de casa. Comida, sustento, pagar água, luz, ajudar a mãe, pai, que muitas vezes é ausente. Então sobra pra mãe que muitas vezes tem mais de 3 ou 4 bocas para sustentar(...). Muitos amigos meus ainda não terminaram o ensino médio, alguns até o fundamental justamente por isso. Por ter que trabalhar e ter que vender sua mão de obra por mixaria, pra poder complementar a renda em casa e trazer um conforto pra família. E no futuro isso custa caro. Nenhuma mãe quer ver o filho saindo da escola pra trabalhar. Mas muitas vezes essa opção não existe.

Nos versos seguintes: 'Como pensar no amanhã com a fome de ontem presente?' A fome é um grande problema de onde a gente vem. Quando a fome existe e é presente, é muito difícil falar em estudo, falar no amanhã(...). Isso também é o que leva nossos iguais pra vida do crime. Como cessar essa fome de dinheiro rápido?! O crime tem seu dinheiro rápido. Infelizmente o preço que se paga é a liberdade, porém, muitos enxergam só esse como acesso imediato à solução dos problemas que o mundo e a construção dele trouxeram.

O próximo verso é 'entendedor do que não sofre'. Isso foi escrito durante a pandemia e poucos dias antes de escrever essas linhas, foram confirmadas 500 mil mortes pela covid 19 por conta do descaso e tudo o que todo mundo sabe sobre o ex-presidente. Então eu quis ressaltar isso devido a acontecimentos fora do Brasil que estavam sendo comoventes aos brasileiros e parecia que tinha um véu na frente que impedia que as pessoas enxergassem os nossos problemas aqui. Meio milhão de mortes e fato gringo comovendo mais que as nossas perdas aqui.

Na última estrofe 'Leite condensado muito pouco surpreende'. Isso é óbvio devido ao que já citei anteriormente sobre os 500 mil mortos. O tanto de dinheiro que foi gasto com leite condensado, viagra e chiclete. Não quantos milhões com chiclete, mais tantos milhões com leite condensado, o triplo disso em viagem. E nosso país na calamidade que estava passando. Graças a Deus estamos melhor hoje, mas poderia ter sido bem menos pior se não fosse por conta do genocida da presidência. O último verso, 'Prende e mata, deitando professor na pancada. Patife, condado não precisa de xerife'. Devido a tantas manifestações que a gente viu acontecer, principalmente agora no final do (...) Escrevi esses versos antes de acontecer, mas agora no final do governo do ex-presidente a gente viu manifestações e depredações no congresso, todo aquele vandalismo e não teve nenhum ato de violência, nenhuma pessoa machucada 'sem motivo', convenhamos. Mas nas manifestações durante o que estava acontecendo ali, com a agressão contra professores, que foram machucados, crianças e idosos. Manifestações pacíficas que não tinham nenhum apontamento para violência. Ninguém estava ali por violência, mas sim para protestar

por seus direitos(...). Acabou sendo machucado e agredido verbalmente, fisicamente e até espiritualmente(...) Então finalizei com 'Condado não precisa de xerife' porque isso remete aos tempos antigos onde só mostrava o que quisessem que fosse mostrado. Só falavam daquilo que queriam que fosse dito. Então usei essa frase porque a gente não precisa da autoridade para guiar um condado todo. É muito mais fácil se guiar sozinho perante essas rédeas horríveis e desumanas que nos guiavam”.

Agora trago a minha parte da letra da música feita com o Amon:

"Quem cala consente eu não me calo

Quem cala consente é um desacato" (2x)

Fome, guerra, peste, morte

E o brasileiro segue tranquilo

Sobrevivendo no inferno no contexto de Clara Crocodilo

Mas não é desacato é um grito de protesto

De quem nasce perseguido pelo estado

É o grito de quem sente de verdade

violência e a maldade planejada pelo ego

Os policia tão matando e já é epidemia

O corona é só mais uma de tantas que a gente enfrenta

Governo patrocina show de bala e chacina

Elimina qualquer chance toda vez que a gente tenta

Caique Chagas

Os primeiros versos da minha parte do texto são retirados da música Clara Crocodilo de Arrigo Barnabé. Eu quis colocar essa referência direta porque considero uma fala de protesto. Não vou me calar diante dessas políticas de morte, vou usar minha arte para me expressar e para denunciá-la.

Na segunda estrofe falo sobre os 4 cavaleiros do apocalipse, e que diante de todo o cenário pandêmico, vi de um lado, pessoas pouco se importando com o grande número de mortes e normalizando toda a situação, enquanto do outro lado, pessoas tendo que viver suas vidas “normalmente”, sair de suas casas, pegar lotação de ônibus e metrô e ir trabalhar porque tem uma família para sustentar e por não terem opção de ficar em casa. A frase “Sobrevivendo no inferno no contexto de Clara Crocodilo” é uma referência ao disco dos Racionais e ao LP de Arrigo. As pessoas tiveram que sobreviver no inferno da pandemia num contexto em que o presidente do Brasil era um ex-militar, capitão da reserva, que propagava e incentivava notícias falsas, práticas que, para mim, soava muito parecido como o período da ditadura no Brasil, momento em que foi lançado o LP Clara Crocodilo, mais precisamente no ano de em 1980.

A terceira estrofe começa com a frase “Mas não é desacato, é um grito de protesto”, que é uma referência a uma carta¹⁸ de Martin Luther King que diz “É nosso dever moral, e obrigação, desobedecer leis injustas”. É um grito de protesto que representa a voz de pessoas que são perseguidas pelo estado por conta da cor da pele ou pelo status social que ela ocupa.

“A violência e a maldade praticada pelo ego” de pessoas que só pensam no lucro, que alimentam e propagam a falta de empatia e de respeito pelo próximo.

A última estrofe faz uma comparação entre a pandemia da covid 19 e a epidemia de violência que as periferias enfrentam, uma vez que a força estatal empregada pela polícia brasileira, faz dela umas das polícias que mais mata no mundo¹⁹, o que corrobora para o entendimento de uma aplicação direta da necropolítica sobre as comunidades periféricas brasileiras.

18

<https://www.pensador.com/frase/MTIxNTc1NQ/#:~:text=Martin%20Luther%20King-,%C3%89%20no%20dever%20moral%2C%20e%20obriga%C3%A7%C3%A3o,desobedecer%20a%20uma%20lei%20injusta.&text=Nota%3A%20Trecho%20de%20carta%20escrita,16%20de%20abril%20de%201963.&text=Pensador%3A%20colecione%20e%20compartilhe%20frases%2C%20poemas%2C%20mensagens%20e%20textos>

19

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policia-brasileira-e-uma-das-que-mais-matam-no-mundo-diz-imprensa-internacional-apos-operacao-em-favela-do-rio/>

Minha referência em relação a sonoridade foi a música “Felizes Eram os Golfinhos”²² do rapper Novíssimo Edgar. Nesse momento queria um timbre mais “áspero”, efeito que consegui utilizando o *plugin Sawyer - FG Lo Fi Avenger*.

Na sequência, coloquei a guitarra tocando os 4 conjuntos gerados de S0. A guitarra fez toda a diferença e deu o preenchimento necessário, trazendo vida e organicidade para a música.

Quem gravou e criou as linhas de guitarra foi o músico e produtor Gustavo Mustafé. Pedi que ele usasse as notas dos conjuntos de S0 para montar os acordes, mas que ficasse livre para tocá-las em qualquer ordem e da maneira que ficasse mais confortável. Ele foi tocando os acordes e algumas “inversões” de cada conjunto e fomos ouvindo como soava. Selecionamos a sonoridade que mais nos agradou. Fizemos mais alguns testes e depois partimos para a gravação. A forma de tocar e a escolha dos timbres também ficou a critério do Mustafé.

Pedi ao Gustavo que falasse um pouco das impressões dele no processo de criação e gravação das guitarras, e ele me mandou o seguinte texto.

“As guitarras foram gravadas pensando em alcançar timbres que trouxessem sentimentos de reflexão, confusão e imersão, tentando dar ênfase e potencializar a mensagem com forte crítica social que as rimas do Caique trazem nesta faixa. Por isso, ela vai aparecendo gradativamente e com parcimônia. Em alguns momentos faz a mesma linha melódica dos versos, em outros faz uma cama harmônica com timbres limpos e cheios de *reverb*, e em outros a ideia de alcançar ruídos, dando uma textura áspera que sentia que o som pedia.

Foi interessante que fomos gravando ela em algumas seções, geralmente em manhãs frias pelotenses, que era o único horário que tínhamos livre para este trabalho no momento. O Caique desde o início trouxe a música já bem estruturada, com uma ideia firme e sólida, o que me facilitou muito o trabalho de poder somar e acrescentar minhas guitarras. Particularmente, como já disse pro Caique, gosto dessas sonoridades que as técnicas contemporâneas de composição, como o serialismo, possibilitam. Sonoridades dissonantes, que nos levam muitas vezes a sentimentos de desconforto e confusão, o que acredito que potencializou muito a temática da música e do recital, e inclusive me induziu, subjetivamente, a construir minhas linhas de guitarra, sempre dialogando e testando várias linhas diferentes. Parando e ouvindo. Foi um processo de liberdade criativa dentro de um ambiente bem definido e guiado. Pessoalmente acho promissor essa ideia de utilizar estas técnicas, que muitas vezes são restritas ao ambiente acadêmico e não tem tanta popularidade, misturadas ao Rap, que é uma música popular periférica. Uma boa receita para potencializar as mensagens críticas do Rap.

²² <https://www.youtube.com/watch?v=nbt8aNfSSMc> (Feliz Eram os Golfinhos - Novíssimo Edgar)

Uma boa maneira de unirmos os conhecimentos acadêmicos e populares".
(MUSTAFÉ. Gustavo, em texto cedido especificamente para este trabalho)

Fiquei muito satisfeito com os resultados das gravações, as guitarras deram vida, profundidade e organicidade para música.

O Gustavo, a fim de organizar os conjuntos, os classificou da seguinte forma:

Conjunto 1 - G(#11)

Conjunto 2 - F#(#5)

Conjunto 3 - Cm6

Conjunto 4 - Fm7M

Com as guitarras gravadas e o *beat* praticamente pronto comecei a escrever a letra.

Atualmente os Raps que são produzidos tratam sobre diversos assuntos: dinheiro, ostentação, amor, saudade, entre outros. Gosto de manter a linha de escrita de protesto, sendo essa temática conhecida popularmente no meio do hip hop como "Rap de Mensagem". Prefiro o termo Rap de protesto, pois, na minha visão, acredito que todo Rap traz uma mensagem.

Neste texto trago a questão referente a pandemia da covid19, de forma crítica e reflexiva. Minha ideia era tirar o ouvinte da zona de conforto, musicalmente, com a estética atonal do Serialismo e intelectualmente com a mensagem crítica da letra.

Brasil século 21

Um enrolado, um chá de camomila e uma dose de cachaça
só desse jeito memo pra aturar essa desgraça
É um salve-se quem puder um deus nos acuda
pelas ruas há baratas e no palanque sanguessugas

Corpos mortos perecem aos montes
são tantos quase cobrem o horizonte
são mais de 400 mil até agora
e contando...
já é passada a hora

Mas tudo bem não há nada de errado
Não é ilegal se tem o aval do Estado
Eles disseram "Cara feia pra mim é fome"
não sabe se foge, se fica ou se morre
Mas quem se importa?

Bati na casa da empatia e quando entrei ela estava morta
Assassinada pelo eu (ego)
E quando questionado eles disseram "não é problema meu"

O primeiro verso começa fazendo uma contextualização temporal imprecisa, essa imprecisão serve justamente para dar a ideia de uma pessoa perdida, desorientada. Os versos seguintes “Um enrolado, um chá de camomila e uma dose de cachaça, só desse jeito memo pra aturar essa desgraça”, querem dizer que só embriagado ou entorpecido para conseguir suportar a situação de isolamento social e terror psicológico gerado pela negligência do Estado. Enquanto o mundo desmorona, se salva quem pode.

A segunda estrofe fala diretamente do alto número de mortos que a pandemia causou e ainda estava causando. Eram 400 mil vítimas até o momento que a letra foi escrita em 5/06/2021 e os números só aumentavam²³.

A terceira estrofe é uma reflexão: se o estado permite que essas mortes aconteçam, então elas são mortes válidas e inevitáveis. E se você “faz cara feia”, não concorda, seu questionamento é invalidado. Quando refuta o chefe de Estado sobre seu posicionamento ou cobra medidas em relação às mortes, ele responde “não sou coveiro²⁴” se isentando da responsabilidade. Não importa se você vai pensar e se questionar ou não fazer nada, sempre será um “Zé Ninguém” aos olhos do Estado.

Os últimos versos da terceira estrofe é uma reflexão sobre a falta de empatia de alguns negacionistas para com as pessoas afetadas pela doença ou que perderam amigos e familiares durante a pandemia.

Na sequência vem o refrão que é como se fosse o estado falando, “Não se preocupe, a morte é iminente, apenas cante e espere o caos”, como pode ser observado abaixo:

Não tem porque se preocupar
Por que morrer
Já vai chegar

Não tem porque se preocupar
Em meio caos
Vamos cantar

23

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/05/brasil-registra-1661-novas-mortes-por-covid-em-24-horas.ghtml>

24

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>

O refrão é marcado por uma melodia acompanhada pelo piano tocando S0. Faço pequenas alterações na ordem da série para ficar um pouco mais fácil de cantar. Segue o exemplo:



Figura 15 - Melodia do refrão - C19 - 21B

Pensando em toda a situação da pandemia e no contexto que estávamos achei que esse refrão carrega uma mensagem pesada, mas não queria que essa fosse a impressão que ficasse, então nos versos que vem a seguir, quis amenizar um pouco esse discurso mórbido mas sem perder a seriedade do assunto.

Encantado e tentado acreditar nessa mentira
A melodia até que é boa e a voz é bonita
O ego tem lábia leva na ideia,
Se pula na bala, vira Odisséia

Mas já tem um tempo que eu questiono isso
Essa Tranquilidade que a muito nos assola
Em meio do caos cês tão pagando riso
Pagando pau pra verme que quer a empatia morta

A primeira parte da estrofe diz que é tentador acreditar na mentira, parece mais cômodo negar e ignorar os fatos. A segunda estrofe é um questionamento que faço em relação à normalização dos problemas sociais, a tranquilidade com que as pessoas encaram tudo isso e para além desse descaso e falta de empatia elas ainda tiram sarro, apoiando e endeusando quem não tem empatia com aqueles que sofreram diretamente com esse desastre sanitário pandêmico.

Em seguida vem novamente o refrão, dessa vez com a voz em segundo plano para dar espaço ao *sample* com reportagens sobre a propagação de notícias falsas em relação à pandemia. Pessoas que questionaram o número de mortos ou até mesmo o fato da pandemia ser real.

Depois do refrão vem a colaboração do rapper Gabriel Shinobi. Pedi para que ele escrevesse um pouco sobre sua parte da letra. Ele me enviou o texto que vem a seguir:

“Eu dividi a minha parte em duas partes, tanto por sentir a questão de trazer as referências técnicas para lírica (diferença de *flow*, intensidade, interpretação) quanto para intensificar o discurso para além da mensagem pelo falar/cantar.

A 1ª parte me remete a Ndee Naldinho, especificamente a faixa "Povo da Periferia" pela questão de uma espera de ação externa, enquanto Ndee fala "Deus olhai meu povo da periferia" remetendo mesmo a uma música praticamente gospel em forma de rap, um louvor, aqui o 'personagem' da música meio que vive uma alienação que o confunde e o deixa desorientado com o que acontece.

As primeiras estrofes:

'A negação fez seu espaço,

Contrariar *fake news* se tornou um embaraço

Homo bruta na linha do descompasso

A caminho do declínio a passo a passo'

É ao mesmo tempo um nível de entendimento superficial sobre sua condição sócio-espacial com a realidade do país, ao mesmo tempo que 'duvida/se conforma' sobre o negacionismo e as *fake news* terem consagrado seu espaço de poder e de alteração da realidade e contribuição para o (des)entendimento da mesma.

Homo bruta foi uma brincadeira pensando em o que antagonizava o termo homo sapiens, se sapiens informa que o homo é alguém sábio, que pensa. Bruta remete a alguém irracional, que não pensa/reflete sobre suas ações e as consequências da mesma. Logo, culmina na última estrofe que conclui o 'chamado provocativo' de: Gente... Para de compartilhar, disseminar, assimilar essas ideias que tá feio!

'Não é porque você vai, que eu vou também

Não está tão mal', 'mas não está tão bem

Sistema suicida, perigos nos tangem

Diante da ameaça, quantos dentes rangem?' (grr)

No segundo bloco da primeira parte, o 'personagem' observa diversas pessoas concordando/discordando de maneira passiva sobre a situação, o que o provoca a pensar que o sistema no qual vivem (cultural, social, político, econômico) possui um caráter auto destrutivo e insustentável, onde não há momento de descanso/plenitude para (co)existir já que em cada canto, cada camada, habita um perigo próximo. Ao final, a fala sobre o ranger dos dentes com o som de rosnado determina que o 'personagem' se

sente acuado e quer se defender desses perigos revidando com o discurso da segunda parte.

'Antipatia, nova academia

Da pandemia, psicopatia

Por telepatia, apatia

Liga, religa, gerando intriga

Meiga inimiga que castiga

Obriga a briga, PORRA DESLIGA'

Essa mais rápida e mais curta, o 'personagem' nos mostra que ele desenvolveu discernimento a partir de suas vivências e observações para dizer que a pandemia é um novo gerador de antipatia, que se fortalece física e mentalmente dentro do cerne social através da banalização da morte. Ao avançar, dizendo que a apatia gera (re)ligações de intrigas, que não comovem e sim conformam, personificando-as como uma antagonista que soa como meiga, mas que carrega uma ameaça hostil e destruidora da situação. Clama com uma raiva que vai crescendo conforme o término do discurso sobre uma briga que é contra a situação, e não sobre quem está certo/errado dentro de um debate que é gerado devido a banalização da morte e de quem realmente é afetado com isso. A palavra final 'desliga' carrega um sentido plural ao querer dizer: 'POVO, VIRA ESSA PORRA DE CHAVE, ACORDEM! ESTAMOS MORRENDO E PRECISAMOS REAGIR', ao mesmo tempo que sente que está sendo observado e esse discurso é direcionado para quem está o 'filmando' com as lentes de seus olhos julgadores e ele fala 'DESLIGA ESSA MERDA, TEM NADA PRA VER AQUI NÃO. VAZA."

SHINOBI, Gabriel. Em texto cedido especificamente para este trabalho.

Gostei muito da letra que ele escreveu, particularmente desses momentos que ele conseguiu construir no decorrer da música e a dinâmica de cada *flow*. Gabriel Shinobi apresentou ideias que enriqueceram a composição, tanto na escrita quanto com a sugestão no *beat*. No final do verso dele, após a palavra "desliga" tem uma pausa que na minha opinião ficou muito impactante. Essa pausa foi ideia do Shinobi.

Para finalizar, o último refrão segue a mesma estrutura do primeiro, agora com a letra diferente:

Não tem porque se preocupar

Esse momento
Já vai passar

Vamos fazer tudo mudar
Novo começo já vai chegar
A nova era já vai chegar

Por se tratar de um tema delicado, no último refrão, procurei trazer uma mensagem de esperança. Mesmo com tudo o que estava acontecendo as coisas iam ficar bem, a pandemia iria passar e caminharemos para um novo ciclo, um novo começo. Mas essa mudança tem que partir de nós enquanto comunidade e seres (humanos) sociais.

4 Considerações Finais

Neste trabalho falo sobre o processo composicional de dois Raps criados para meu recital de conclusão de curso, que aconteceu durante a pandemia da covid-19 no ano de 2021, onde utilizo o Serialismo Livre. Faço uma contextualização geral de quando e como me envolvi com música e o movimento hip hop, fazendo uma breve recapitulação de acontecimentos que ocorreram na minha vida desde a infância até minha entrada no bacharelado em composição, onde conheci o Serialismo. Conto como surgiu a ideia de misturar Rap com as técnicas seriais, de que maneira se deu essa mistura, as motivações por trás dessas ideias e da importância do Serialismo no meu processo de aprendizagem como aluno de composição.

No segundo capítulo falo especificamente das músicas Necropolítica e C19-21B, respectivamente, explico quais foram as referências, como utilizei a série e como organizei o material composicional. Neste capítulo, também trago um relato dos rappers que colaboraram com partes das letras, fazendo uma contextualização das rimas e explicando cada verso do texto que escreveram.

A produção e escrita desse trabalho me possibilitaram refletir e entender melhor meu processo composicional, fez com que eu voltasse no passado e avaliasse toda a minha trajetória até esse momento. Relembrei meus primeiros contatos com a música, minhas questões sociais e raciais e como me projeto na sociedade a partir dessas questões. Durante o desenvolvimento do trabalho refleti sobre a responsabilidade que carrego por ser uma pessoa periférica dentro do espaço acadêmico, pois por ter tido o privilégio de estudar em uma Universidade Federal acredito que tenho o dever de levar o conhecimento que adquiri na faculdade para espaços onde o conhecimento sobre determinados assuntos e o próprio Estado não chegam ou tem dificuldade de chegar.

Reconheço a relevância dos métodos Seriais e Dodecafônicos para meu aprendizado enquanto compositor, mas não sem fazer uma ressalva. Reconheço que esses métodos são muito eficientes didaticamente para quem deseja aprender maneiras de compor e se aprofundar no universo da composição, porém senti falta

de um método que fosse mais próximo da nossa cultura e da realidade musical no Brasil.

5 Referências

Bibliografia

ANDRADE, Gabriel. **Conhecimento Hip Hop: “Passando a Visão pá Trampá os Miolo”**. Araraquara - SP. 2019

GRIFFITHS, Paul. **A música moderna: uma história concisa e ilustrada de Debussy e Boulez**. Rio de Janeiro, 1987. ISBN: 85-7110-004-7.

KRUGER, Igor. **O ser/tornar-se compositor(a) em âmbito universitário: a reciprocidade entre Personagem Compositor(a), Ethos Institucional e Artesanato Composicional**. Pelotas - RS, 2022.

TEJERA, Daniel. **O duelo de rimas no rap como atividade de lazer de jovens**. Licere, Belo Horizonte, v.16, n.1, 2013.

TEJERA, Daniel. **RAP: O DUELO DE RIMAS NO COTIDIANO DO JOVEM**. Rio Claro - SP. 2013.

Fontes da Internet

<[<\[. Acesso em: 18 mar. 2023.\]\(https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/05/brasil-registra-1661-novas-mortes-por-covid-em-24-horas.ghtml\)](https://www.teclacenter.com.br/blog/o-que-e-um-sampler/#:~:text=O%20sampler%20%C3%A9%20um%20equipamento,computador%20com%20um%20bom%20processador.>. Acesso em: 27 fev. 2023.</p></div><div data-bbox=)

<[. Acesso em: 18 mar. 2023.](https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-a-o-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml)

<[. Acesso em: 20 mar. 2023.](https://brasilecola.uol.com.br/biografia/jair-bolsonaro.htm)

<[. Acesso em: 21 mar. 2023.](https://www.pensador.com/frase/MTIxNTc1NQ/#:~:text=Martin%20Luther%20King-,%C3%89%20nosso%20dever%20moral%2C%20e%20obriga%C3%A7%C3%A3o,d esobedecer%20a%20uma%20lei%20injusta.&text=Nota%3A%20Trecho%20de%20carta%20escrita,16%20de%20abril%20de%201963.&text=Pensador%3A%20colecio ne%20e%20compartilhe%20frases%2C%20poemas%2C%20mensagens%20e%20t extos)

<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policia-brasileira-e-uma-das-que-mais-matam-no-mundo-diz-imprensa-internacional-apos-operacao-em-favela-do-rio/>>.

Acesso em: 21 mar. 2023.

<<https://polis.org.br/noticias/quem-sao-as-pessoas-mais-afetadas-pela-pandemia/>>.

Acesso em: 21 mar. 2023.

<<http://www.reparacao.salvador.ba.gov.br/index.php/noticias/822-sp-1745380961>>.

Acesso em: 22 mar. 2023.

Discografia

CENTRAL, Fação. **O Espetáculo do Circo dos Horrores**. Sky Blue, 2006.

BARNABÉ, Arrigo. **Clara Crocodilo**. Produção Independente. 1980.